



## IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:  
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial  
Online — 20 e 21/06/2024

---

### VALETINA SAMPAIO E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER TRANS NO INSTAGRAM<sup>1</sup>

Gabriel Carvalho dos Santos<sup>2</sup>

Carlos Renan Samuel Sanchotene<sup>3</sup>

#### Resumo expandido

A transexualidade tem sido pesquisada pela comunidade científica de forma tardia. Segundo Dias (2015), no Brasil, os estudos começaram no final da década de 90. Pesquisa feita pelo autor através da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) mostra que anterior a 2003 constavam três publicações referentes ao tema, sendo estas de 1995, 1997 e 2001. A primeira da área do direito e as duas posteriores da antropologia. O autor assevera que é importante recorrer a mais pesquisas sobre esses assuntos, visto que, é por meio delas que é possível trabalhar para resolver as consequências negativas que a marginalização do grupo traz para seus pertencentes desde as questões familiares a elaboração de políticas públicas.

Filho, Santos e Oliveira (2022) explicam que essa falta de conversas sobre o tema gera uma invisibilização que se alastra para outras esferas da sociedade e quando o assunto é a falta de representação da transexualidade e a travestilidade entre os indivíduos, um campo que se torna bem suscetível a críticas é o midiático. Para o autores, a persistência na generalização dos termos relacionados desses grupos, transforma o imaginário popular

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT3 Representação corporal, saúde e sofrimento no ciberespaço do IV Encontro Virtual da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura: Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial. Realização da UNIFAE, nos dias 20 e 21 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Graduando em Jornalismo pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Divinópolis. Email: gabriel.1224carvalho@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Professor do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Divinópolis. Email: carlos\_sanchotene@yahoo.com.br



## IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

---

dificultando cada vez mais uma representação correta nos veículos de comunicação sobre essas pessoas.

Picchiali (2019) vai explicar que a mídia também tem um papel que reforça esses estereótipos, uma vez que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo. Segundo o autor, a imprensa na sua cobertura jornalística, associa travestis e transexuais à violência e marginalidade. Dessa forma, tende a se mostrar como “isenta” da responsabilidade perante a opinião pública, e por vezes, servindo como catalisadora na difusão dessa imagem à sua audiência sobre a comunidade trans (Picchiali, 2019).

Silva (2000) complementa argumentando que as identidades necessitam do processo de representação para existirem. “Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade” (Silva, 2000, p. 91).

Nesse sentido, Filho, Santos e Oliveira (2022) explicam que a produção discursiva é um lócus privilegiado capaz de determinar características esperadas ou ainda criar e reproduzir estereótipos sobre as diferentes identidades. Para os autores, as representações às quais temos acesso tendem a oferecer imagens pré-concebidas de determinados grupos sociais, moldando nossa opinião sobre estes e até o próprio modo como estes grupos se percebem.

A questão da produção de sentidos em torno sobre as identidades das mulheres transexuais é problemática. Segundo Filho, Santos e Oliveira (2022) temporalmente alguns avanços são percebidos, mas ainda existe uma persistência sobre estereótipos que foram construídos ao longo de um século. Os autores ressaltam que mulheres transexuais ainda são descritas na grande mídia como pessoas doentes que buscam nas cirurgias de redesignação sexual uma cura, desconsiderando todas aquelas que não desejam se submeter a cirurgia. Outro ponto é que ainda existem menções ao passado masculino, como uma cicatriz que serve



## IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

---

para reforçar a ideia de uma incompletude, de parte da vida tendo sido perdida porque foi vivida com outra designação sexual. “Nesse contexto, esses sentidos criam e cristalizam um binarismo entre um verdadeiro e um falso, em que a mulher trans serviria apenas para intensificar o biologismo essencializante da mulher cis” (Filho; Santos; Oliveira, 2022, p.281). Os autores também explicam que outro olhar advém da persistência em negar seus direitos civis, impedindo que sejam capazes de alcançar objetivos que já estão inseridas em contextos de privilégios cisgênero.

Mott (1994) revela que a sociedade brasileira apresenta uma herança de violência contra pessoas LGBTQIA+. Para o autor, há mais de 4 mil anos a homossexualidade vem sendo associada a aspectos negativos, bárbaros e abomináveis. No Brasil Colônia, período entre os séculos XVI e XIX, especificadamente no Maranhão, a indígena Tibira, descrita como hermafrodita, possuía os cabelos finos, flexíveis e compridos, voz e pele lisas, foi condenada e assassinada pela Inquisição por causa da sua complexidade transviada da sua vida (Yu *et al.*, 2022).

Os fatos históricos mostram que a violência, o preconceito e a intolerância contra essa população é alta. O esforço das classes dominantes em deslegitimar, inferiorizar, retirar os direitos e dignidade de pessoas que se identificam com essa identidade de gênero é constante. Tal comportamento preconceituoso ainda é presente na sociedade atual. Um dossiê produzido pelo Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil, lançado em maio de 2024, que analisou as mortes e violência contra a comunidade em 2023, mostrou que nesse período 230 pessoas morreram, sendo 184 mortes por assassinatos. O relatório ainda aponta que do total de mortes, os corpos de mulheres trans e travestis representam 142 mortes. Como consequências, têm-se a invisibilidade e a dificuldade de acesso aos direitos da população trans, fazendo com que essas pessoas sempre sejam colocadas a margem da sociedade, invisibilizadas e silenciadas.



## IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

---

Neste contexto, as redes sociais como o Instagram, surgem como ferramentas de oportunidade para que pessoas trans sejam ouvidas, consigam um espaço digno na sociedade ou até mesmo ascensão social. Elas são uma espécie de vitrine no espaço virtual, no qual os indivíduos expõem suas vidas, produzindo e reproduzindo ideias, opiniões, trabalhos, discursos. Isso faz com que ao publicarem conteúdos que podem ser desde rotinas, trabalhos e, até mesmo, reivindicações, pessoas trans conseguem chamar a atenção e ganhar visibilidade. “Nesse cenário de conexão e expansão é importante entender como a internet e as redes sociais são capazes de interferir nas escolhas e no comportamento” (Lourenço; Lima; Rodrigues, 2021, p.90). Dessa maneira, atualmente, a visão de como a sociedade interpreta pessoas trans também pode ser alterada com influência das redes sociais. Por meio do Instagram, pessoas trans conseguem contribuir para que a imagem estereotipada de suas existências, resumidas a sofrimento, violência e prostituição, seja quebrada. Um exemplo diante do contexto é o objeto escolhido para análise: o perfil do Instagram da modelo Valentina Sampaio.

Natural do Ceará, Valentina é descrita pela revista Vogue (2023) como alguém que está marcando a história da moda e colecionando feitos inéditos como a primeira modelo transgênero a ser capa da Vogue e a desfilando na Victoria's Secrets. No seu perfil do Instagram, que conta com mais de 400 mil seguidores, ela publica alguns momentos de seu cotidiano, seus trabalhos como modelo e causas sociais da luta do Movimento Trans. Partindo do pressuposto de que o Instagram é uma ferramenta utilizada não só para compartilhar fotos e vídeos, mas também contribuir para a mudança na percepção sobre a vida de pessoas trans, surge o questionamento: como a modelo Valentina Sampaio utiliza seu perfil no Instagram para a normalizar corpos trans em posição de destaque? O objetivo da pesquisa é analisar e identificar as estratégias utilizadas no perfil da modelo, descrever as tematizações discutidas, além de compreender e refletir sobre a representação de pessoas trans.



## IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:  
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial  
Online — 20 e 21/06/2024

---

O trabalho é uma pesquisa qualitativa de estudo de caso (Yin, 2005) e que se propõe analisar e compreender as publicações feitas por Valentina Sampaio no seu perfil do Instagram no período entre janeiro de 2023 e janeiro de 2024, totalizando um ano de material coletado e o total de 32 postagens. Os posts foram categorizados entre publicações de campanhas publicitárias, publicações de vida pessoal e publicações de ativismo. Assim, realizou-se uma análise de conteúdo (Bardin, 2011) que compreende textos, fotos, vídeos e comentários de seguidores.

Entre os resultados, observa-se que o conteúdo no qual a modelo mais compartilha na rede social é relacionado ao seu trabalho. Entre os posts está capa da revista Vogue e um vídeo na qual ela participa da campanha publicitária de Natal da renomada marca de lingerie, Victoria's Secrets. Ao mesmo tempo em que há divulgação publicitária, há mensagens de estímulo, luta da causa trans e celebração de conquistas da modelo. Além disso, ela também compartilha alguns momentos da sua vida pessoal como o registro de sua comemoração de Ano Novo e um vídeo de despedida do ano de 2023. Nota-se que essas publicações trazem uma humanidade para corpos transexuais. O movimento feito pela modelo busca quebrar a visão sobre pessoas trans, mostrando que para além do sofrimento são corpos que trabalham, estudam, e que por meio de oportunidades conseguem chegar muito longe garantindo dignidade e posição de destaque.

### Palavras-chave

Mulher Trans; corpo; representação; Instagram.

### Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

DIAS, R. B. **Identidade de gênero trans e contemporaneidade**: representações sociais nos processos de formação e educação. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação



## IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

---

em Psicologia, Universidade Federal do Mato Grosso, Campo Grande, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/2680>. Acesso em: 12 mar. 2024.

FILHO, F; SANTOS, F; OLIVEIRA, M. Transexualidade impressa: a construção temporal das identidades das mulheres trans na Folha de S. Paulo. **Humanidades e Inovação**, v.8, n.58, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/5525>. Acesso em: 18 mar. 2024.

LIMA, C.; LOURENÇO, P.; RODRIGUES, E. Influência do Instagram no Comportamento do Consumidor. **Faces Journal**. Belo Horizonte, v.19, n.2, p. 89-102, 2021. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/facesp/article/view/7523>. Acesso em: 18 mar. 2024.

MOTT, L. **A Inquisição no Maranhão**. São Luís: Editora da Universidade Federal do Maranhão, 1994.

PICCHIAI, D. Q. **Ditos sobre e ditos por:** o rasgo afetivo das mulheres trans nos discursos midiáticos. 2019. 130 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22484>. Acesso em: 09 abr. 2024.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, T. T (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

YU, W. *et al.* Nelas, através delas, em memórias: estigma, afeto e religiosidade em ativismo transcedentais no Brasil. **Libero**. São Paulo, n. 51, p. 29-51, mai/ago. 2022. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1750>. Acesso em: 24 mar. 2024.